



## **O TEMA ÁFRICA E A GEOGRAFIA ESCOLAR: uma experiência no Ensino Fundamental II**

*Thiago Augusto Nogueira de Queiroz*<sup>1</sup>  
queiroztan@gmail.com

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência no ensino fundamental, mais especificamente no estágio supervisionado de formação de professores, realizado com a turma do 9º ano da Escola Estadual Nestor Lima, em Natal-RN, quando trabalhamos a formação e ressignificação do conceito de África. Para tal fim fizemos uma descrição da escola e da turma na qual o projeto foi executado, como também, relatamos o planejamento, a execução e a avaliação do projeto, fazendo uma reflexão sobre todos esses momentos dessa ação docente. Os resultados mostraram que o projeto de ensino foi desenvolvido com êxito, apesar de que em alguns casos o objetivo almejado não foi atingido. Por fim, esta experiência vivenciada no estágio servirá não só para futuros estagiários, como também, para os professores em atuação.

### **Palavras-chave**

África, Geografia Escolar, Ensino Fundamental II.

## **THE AFRICA THEME AND THE GEOGRAPHY SCHOOL: an experience in the middle school**

### **Abstract**

This article aims to describe an experience in elementary education, specifically in supervised training of teachers, conducted with the class of 9's year of school Nestor Lima, in Natal-RN, when we work the formation and the redefinition of the concept of Africa. To this end, we made a description of the school and the class in which the project was executed, and also we report the planning, execution and evaluation of the project, making a reflection on all these moments of teaching action. The results showed that teaching project was to realized successfully, although in some cases the aim was not reached. Finally, this experience lived in the supervised training will be an example not only for future trainees, and also for teachers in action.

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Geografia nos cursos técnicos de nível médio no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus São Paulo do Potengi. Endereço: RN-120, Km 2, Novo Juremal. São Paulo do Potengi (RN). CEP: 59460-000

**Keywords**

Africa, Geography of school, Middle school.

**Introdução**

De acordo com Pires (2011), o estágio supervisionado tem como objetivos: 1) compreender a realidade escolar; 2) refletir criticamente sobre os conteúdos e procedimentos teóricos e metodológicos da prática de ensino; 3) fazer com que o aluno estagiário tenha um contato inicial com o espaço e o tempo da escola; 4) estimular a prática de pesquisa no ensino; e 5) proporcionar ao aluno estagiário um espaço-tempo de formação inicial, de pesquisa e de prestação de serviços à sociedade. Nessa perspectiva, o “Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental”, tem como objetivo aprofundar na compreensão da realidade da escola, refletir sobre os conteúdos e procedimentos metodológicos que devem ser postos em prática no Ensino Fundamental II, iniciando o estagiário no contato direto com esse nível de ensino, estimulando a práxis, a indissociabilidade entre teoria e prática, entre pesquisa e ensino.

Nosso estágio foi realizado no 9º ano vespertino do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Nestor Lima, localizada na Rua São José, bairro Lagoa Nova, Natal, Rio Grande do Norte. O tema a ser trabalhado com essa turma era “O continente africano”. Planejamos as aulas a partir do princípio que o ensino de Geografia deve proporcionar a emancipação do aluno, ou seja, fazer com que o aluno tenha um pensamento crítico a respeito do espaço em que vive, com suas desigualdades e combinações; dar condições para que esse aluno possa desenvolver um raciocínio espacial em seu cotidiano, fora do espaço da escola. Utilizamos os procedimentos metodológicos, para as aulas, o princípio socioconstrutivista, que se ancora na formação de conceitos como função prioritária do ensino, conflitando o conceito cotidiano com o conceito científico, sendo o professor um mediador desse processo de aprendizagem do aluno, aguçando a “zona de desenvolvimento proximal” deste último.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é relatar como ocorreu na disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental, do Curso de Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Este estágio foi realizado com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Nestor Lima. Analisando se o objetivo geral do plano de ensino e de cada aula foi atingido. Como também, analisando se os procedimentos utilizados em cada aula do plano de ensino estavam ancorados no socioconstrutivismo, e se foram efetivos na

execução dos referidos objetivos. Por fim, avaliando a contribuição do estágio para a formação de professores de Geografia.

### **Caracterização da escola e da turma**

A caracterização da E.E. Nestor Lima, assim como da turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, foi feita a partir de entrevistas anteriormente feitas com a direção da escola, com o professor tutor do estágio (professor de geografia da escola), e através da observação da turma que foi realizada anteriormente à prática do estágio supervisionado.

A Escola Nestor Lima, localiza-se na Zona Sul da cidade de Natal-RN, próximo a Zona Leste. Apesar desse fator de localização, os alunos dessa escola residem em diferentes regiões administrativas do município, destacando-se a Zona Norte. Isso ocorre devido a proximidade da escola com a Avenida Bernardo Vieira, uma importante via da cidade que interliga os fluxos de ônibus da Zona Norte para a Zona Leste e Sul, sendo, portanto uma escola de fácil acesso aos alunos. Tais bairros da Zona Norte, onde reside a maioria dos alunos, colocam a escola em um contexto sócio-espacial de vulnerabilidade, visto que nessas áreas há escassez de infraestrutura urbana básica (saneamento, drenagem, pavimentação, abastecimento de água), assim como, concentração de uma população com média à baixa renda. Devido a esse contexto sócio-espacial, alguns projetos são desenvolvidos na escola, a saber: o Programa Mais Educação do MEC; o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) do curso de matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do curso de geografia do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN); por fim, também há a atuação do Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd), desenvolvido pela Polícia Militar em parceria com o Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

Em relação ao Projeto Político Pedagógico (PPP), segundo a direção da escola, o PPP está sendo reformulado, reelaborado, para atender as especificidades da escola. Clarividente que o PPP deve estar em constante construção, este instrumento pedagógico não pode ser algo fixo, e sim um processo contínuo, sendo modificado de acordo com as mudanças das necessidades da escola. No entanto, essa construção inacabada dificilmente é disponibilizada, provavelmente, por sua inexistência. Também não há nenhuma comissão, nem conselho escolar para essa suposta reelaboração do PPP. A falta de um conselho escolar também significa a falta de participação da comunidade e dos pais dos alunos. De acordo com os relatos das entrevistas, a estrutura familiar dos

alunos é precária, não havendo o devido apoio familiar aos discentes em suas respectivas residências, e poucos pais ou familiares tem interesse de ir conversar com diretores e professores na escola. Na busca de superação desse problema, para que houvesse uma maior participação dos pais nas reuniões da escola, a diretoria colocou como pré-requisito para que os alunos fizessem as provas bimestrais, a presença de um responsável na reunião escolar-familiar ou o comparecimento do mesmo responsável à escola, caso não pudesse comparecer à reunião. Os alunos com melhor desempenho na escola, segundo a direção, são aqueles que têm o melhor acompanhamento dos pais ou familiares.

Em relação a infraestrutura humana, a E.E. Nestor Lima, é constituída por 2 professores de Geografia: há uma professora para o EF II e para o EM no turno matutino, e um professor para esses dois níveis de ensino no turno vespertino. Observamos que alguns professores da escola davam aulas de disciplinas fora da sua formação, por exemplo, os professores de Geografia de ambos os turnos lecionavam além da Geografia, as disciplinas de filosofia, ou sociologia, ou cultura do Rio Grande do Norte, ou Arte, ou Ensino Religioso, dependendo do ano, do semestre e da distribuição de horários. Segundo os professores, essas aulas que eram dadas em outras disciplinas, que não são da formação deles, serviam para completar a carga horária semanal. No entanto, com a redução da carga horária semanal dos professores, de 25 para 20 horas aula, que ocorreu no segundo semestre de 2013, cada professor ficou responsável apenas por sua disciplina, fazendo com que a escola ficasse com dificuldade de rearranjar as turmas e os professores. Nesse sentido, algumas turmas ficaram sem professores de algumas disciplinas, visto que não houve uma contratação de novos docentes por parte do governo do estado do Rio Grande do Norte.

Em relação à infraestrutura física disponível na escola, os professores poderiam utilizar além da sala de aula convencional, outros espaços da escola para desenvolver suas aulas, por exemplo, a sala multimídia, a sala de informática, a biblioteca, os dois pátios, a quadra de cimento, a quadra de areia e área arborizada. Além disso, há a disponibilidade de *notebook* e três projetores multimídia que podem ser levados à sala de aula. Tais equipamentos dariam outras dinâmicas às aulas, no entanto, não é o observado nas práticas dos professores da escola o uso desses espaços e o uso desses instrumentos. De acordo com o que foi mencionado nas entrevistas com a direção da escola, os professores que são inovadores ou pelo menos usam as novas tecnologias, que são poucos, atraem mais o interesse dos alunos, pois, os mesmos procuram inovar os

espaços e os instrumentos utilizados na aula. Portanto, há uma necessidade de constante inovação e mudanças de atitudes dos professores, com o uso dos equipamentos como *notebook*, projetores de imagem, etc., e principalmente com o uso maior dos espaços supracitados da escola, ir além da sala de aula convencional.

Ainda em relação à infraestrutura física, na escola, cada disciplina possui sua sala temática, isto é, cada professor ou conjunto de professores de uma mesma disciplina tem sua própria sala, assim não são os professores que se deslocam para ir dar a aula em outra sala, em outra turma, e sim os alunos é que se deslocam para a sala da disciplina. Com o deslocamento dos alunos, há um atraso para eles chegarem até a sala de aula, perdendo, o professor, parte do tempo disponível. Da mesma forma a sala temática torna-se apenas uma denominação, visto que, no caso da sala de Geografia, não há mapas nas paredes, nem maquetes expostas, nem livros didáticos disponíveis, simplesmente há um conjunto de mapas entulhados e literalmente empoeirados, que dificilmente são usados pelos professores, perdendo o sentido da existência de uma sala de aula temática de Geografia.

Por fim, a turma do 9º ano vespertino do Ensino Fundamental, da escola, era formada oficialmente por 35 alunos, sendo que apenas cerca de 20 alunos frequentavam as aulas regularmente. Essa turma era heterogênea em relação a idade, pois, era formada predominantemente por crianças, ou melhor, pré-adolescentes de 14 anos, como também por alunos repetentes, sendo um destes com 18 anos e prestes a tirar a carteira de habilitação para dirigir. Algumas alunas eram bastante ativas na escola, participando da Banda Marcial da Escola Estadual Nestor Lima.

## **Planejamento e introdução do plano de ensino**

Vamos primeiramente discutir como as aulas foram planejadas. O professor tutor do estágio – professor de Geografia da Escola Estadual Nestor Lima – utiliza a sequência do sumário do livro didático como plano de ensino. O livro didático adotado para o uso dos alunos era o “Projeto Araribá – Geografia – 9º ano” que tem Sonia Cunha de Souza Danelli como editora responsável. Nesse contexto, o próximo assunto que seria trabalhado era a Unidade 7 do livro, “O continente africano”, e este deveria ser o assunto no qual nós faríamos a regência do estágio em sala de aula.

Observamos que tal prática, de usar diretamente a proposta do livro didático como a sequência de conteúdos a serem trabalhados, foge da concepção crítica da geografia escolar. De acordo com Cavalcanti (2012, p. 131):

Os professores, para definição dos conteúdos a ensinar, seguem muito de perto o que está estabelecido no livro didático ou nos programas curriculares da escola ou das secretarias de ensino, o que poderia ser interpretado como dificuldade de estabelecer o que é importante nos conteúdos e também o que é acessório ou secundário.

Assim, a geografia escolar deve ser uma leitura da realidade, e não é distribuir um sem-número de tópicos e de conteúdos presentes no livro didático pelo número de aulas previstas. O livro didático deve ser utilizado apenas como mais um mediador do ensino aprendizagem. A geografia escolar deve priorizar a leitura da espacialidade dos fenômenos físicos e humanos, desenvolvendo nos alunos a capacidade de perceber as espacialidades dos fenômenos que ocorrem no cotidiano, através de um raciocínio geográfico, um modo geográfico de pensar, que sugere as perguntas: “onde?”, “por que ocorre nesse lugar?”, “por que não ocorre naquele lugar?”. Portanto, de acordo com Cavalcanti (2012), o processo de ensino tem como elementos o planejamento, a realização, e a avaliação, cada um desses elementos tem como componentes os objetivos, os conteúdos e os métodos.

Na tentativa de aproximar o conteúdo “África” com a vida cotidiana dos alunos, planejamos em trabalhar nas primeiras aulas a cultura afro-brasileira, para assim justificar a importância de se estudar a África, mostrando que é nesse continente que se origina parte da nossa cultura nacional.

Nesse contexto, nosso plano de ensino teve como objetivo reconstruir a representação social do conceito de África presente no contexto socioespacial dos alunos. Ressaltamos que para a perspectiva crítica do ensino de geografia, a meta para a prática do ensino aprendizagem em geografia deve ser a construção dos conceitos geográficos – espaço, território, lugar, paisagem, região – de acordo com a proposta de Cavalcanti (1998). Porém, nos ancoramos em Vygotsky (1987) para trabalhar a construção dos conceitos.

Vygotsky (1987) distingue três fases da formação de conceitos. A primeira fase é denominada pelo autor de “amontoados sincréticos”, ou seja, são conjuntos de aspectos isolados que ainda não se conectam entre si no raciocínio do sujeito. A segunda

fase é a formação dos “complexos” que são as associações, entre os elementos anteriormente isolados, realizadas pelo sujeito, já se constituindo em um pseudoconceito. Por fim, há a formação propriamente dita dos conceitos, quando o sujeito consegue abstrair, isolar, e generalizar os elementos do conceito.

Nessa última fase há o encontro entre o conceito científico e o conceito cotidiano do sujeito. Assim, o conceito científico tem “o papel de propiciar a formação de estruturas para a conscientização e ampliação de conceitos cotidianos, possibilitando, assim, o desenvolvimento intelectual” (CAVALCANTI, 1998, p.28). Já o conceito cotidiano é a representação social previamente existente em cada um dos sujeitos que participam do processo de ensino aprendizagem. Esse conflito entre o cotidiano e o científico gera nos alunos a denominada Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP (VYGOTSKY, 1984), no qual o professor deve ser o mediador para aguçar tal processo nos alunos. Assim, a escola o lugar do encontro de culturas: a cultura escolar, os conteúdos escolares sistematizados, como a geografia; a cultura da escola, as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola; e a cultura dos alunos e professores, ou seja, o contexto socioespacial de ambos os sujeitos que influencia nos processos de ensino aprendizagem (CAVALCANTI, 2012).

Nessa perspectiva socioconstrutivista do ensino da geografia, a introdução da matéria pode ser realizada com um painel progressivo, tempestade mental, exposição dialogada, atividades extraclasse, observação da paisagem – observação direta, ou através de figuras, mapas, filmes, mídias, imagens virtuais, fotografias etc. – e os trabalhos com a linguagem da sociedade tecnológica – músicas, poesias, literaturas, filmes, programas de televisão, computador, jogos eletrônicos, internet – como formas de iniciar o conteúdo (Cavalcanti, 2012). De todas as opções elencadas, escolhemos a tempestade mental como forma de iniciar o conteúdo sobre a África.

#### *Introdução – o que é a África?*

O objetivo da *introdução* era compreender a representação social do conceito de “África” nos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Nestor Lima. O procedimento metodológico utilizado para tal fim foi a tempestade mental a partir da pergunta: “O que é a África?”. Tal pergunta foi escrita no quadro branco, assim como as primeiras respostas dos alunos: “um continente, uma ilha, um país”. Verificamos que os alunos estavam com dificuldade de compreender a pergunta ou

com dificuldade de expressar a resposta, por isso, perguntamos apenas verbalmente: “o termo África faz vocês se lembrarem de quê?”. Tal pergunta fez com que os alunos respondessem com mais frequência: “seca, negrinhos, fome, selva, gente humilde, doença, sofrimento, savana, macumba, macaco, gente magra e feia, deserto e índios”.

Observamos um estereótipo da África na representação social dos alunos a partir de elementos como a fome, a seca e as selvas e savanas, e uma dificuldade de definir se esse lugar do mundo seria um continente, ou uma ilha, ou um país. As respostas dos alunos também revelaram que a representação social do conceito de África para os alunos ainda permanecia na segunda fase, de pseudoconceitos, um complexo de elementos ainda soltos e pouco elaborados. Nesse sentido, o desenvolvimento das aulas com o uso de conceitos científicos, conceitos mais elaborados sobre o continente africano, mesmo que ainda fosse o do livro didático, dos vídeos televisivos, das músicas, seriam importantes para a conscientização e ampliação dos conceitos cotidianos dos alunos e o desenvolvimento intelectual deles, reconstruindo essa representação social.

Como ainda faltava um tempo para terminar a aula, apagamos a pergunta e as repostas anteriores e escrevemos a pergunta no quadro: “O que tem de África no Brasil?”. Os alunos começaram a responder e fomos anotando, no quadro, as respostas: “maconha, preconceito, seca, gente, cultura, capoeira, negro, magia negra, comidas, miséria, fome, amor, morte, doença e água”. Notamos que em algumas respostas realmente houve a indicação do que existe de África no Brasil, como a cultura, a capoeira, a culinária, a miséria, a fome, a seca, as doenças, e a própria negritude da população e o preconceito que essa população negra sofre no Brasil também foi citado.

Portanto, o objetivo desta introdução foi atingido na medida em que conseguimos compreender a representação social do conceito de África presente nos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da escola analisada. Da mesma forma, o procedimento utilizado foi adequado, na medida em que a tempestade mental provocou a participação de toda a sala, pois, os alunos aguçados pela competitividade do período histórico atual queriam ver escritos suas opiniões e suas respostas no quadro.

### **Execução do plano de ensino**

O tratamento didático dos conteúdos da geografia escolar pode ocorrer através da exposição do professor, da leitura e interpretação de textos, do debate e discussão em sala de aula, da projeção de filmes, dos projetos e exposição de pesquisa,



do trabalho de manuseios, da análise e produção de mapas, dos projetos de investigação e dos estudos do meio (Cavalcanti, 2012). De todas as opções elencadas escolhemos para o tratamento do conteúdo, ou seja, como mediadores do ensino aprendizagem, além do próprio professor e do contexto socioespacial dos alunos: as aulas dialogais, uma música, os mapas do livro didático, uma atividade e vídeos. Nesse sentido, foram planejadas 8 aulas (excetuando a observação prévia da turma, a introdução do assunto e a avaliação) de 50 minutos cada uma (destinadas para a nossa prática no estágio supervisionado). Assim, os conteúdos ficaram distribuídos na seguinte sequência de aulas:

- Aula 1 – A cultura afro-brasileira
- Aula 2 – A cultura afro-brasileira
- Aula 3 – O continente africano: aspectos físicos
- Aula 4 – O continente africano: aspectos humanos
- Aula 5 – O continente africano: aspectos humanos
- Aula 6 – O continente africano: os seus contrastes
- Aula 7 – O continente africano: os seus contrastes
- Aula 8 – O continente africano: os seus contrastes

Porém, ao longo do desenvolvimento das aulas, ocorreram mudanças nesse planejamento inicial, no qual veremos a seguir, quando iremos detalhar o que ocorreu em cada aula.

#### *Aula 1 – A cultura afro-brasileira*

O objetivo da *aula 1* era entender a origem, a história e a atualidade da cultura afro-brasileira. Para tal fim, utilizamos como procedimento metodológico uma aula dialógica sobre a origem e evolução histórica da cultura negra no Brasil, e seus principais aspectos atuais como as religiões, as artes, a culinária, as músicas, os instrumentos musicais e as danças.

Dialogamos com os alunos sobre a origem e a evolução da cultura afro-brasileira. Destacamos que tais aspectos culturais chegaram com os escravos negros africanos, durante o período colonial para trabalharem na produção da cana de açúcar. Também vieram negros africanos para serem escravizados durante o ciclo da mineração

no Brasil. Com a promulgação da Lei Aurea, em 1988, houve a libertação dos negros em regime de escravidão, mas, tal liberdade não condizia com acesso a todos os tempos e espaços frequentados pela população luso-brasileira. Após 1930, no governo Getúlio Vargas, com a ideologia do nacionalismo, a cultura afro-brasileira passa a ser considerada uma das riquezas do país. No entanto, mesmo com essa valorização, os aspectos culturais afro-brasileiros continuam sofrendo preconceitos por parte da sociedade.

Continuamos a aula dialogal com o debate e discussão sobre os elementos atuais da cultura afro-brasileira, a saber: as religiões (candomblé, umbanda, quimbanda, xangô, batuque), as artes (capoeira), a culinária (acarajé, vatapá, feijoada, mungunzá), as músicas (axé, samba, roda de coco, suingue, carimbo e maracatu), e por fim, os instrumentos musicais (afoxé, agogô, atabaque, berimbau, tambor). Cada um desses tópicos que foram sendo apresentados – a origem, a história, as religiões, as artes, as culinárias, as músicas e os instrumentos da cultura afro-brasileira – foram escritos no quadro e alguns alunos também os copiavam nos seus respectivos cadernos.

Assim, atingimos o objetivo da aula que era entender a origem, a evolução e a atualidade dessa cultura afro-brasileira. No entanto, o procedimento de aula dialogal não se mostrou eficaz, pois, nem todos os alunos participaram. Apenas cerca da metade da turma realmente se envolveu, falou, perguntou, copiou. A outra metade ficou dispersa, ora os alunos conversavam entre si ora eles utilizavam os aparelhos eletrônicos como celular e tablete. Nesse sentido, teria sido melhor leva-los ao museu Câmara Cascudo, que, na época, tinha uma exposição sobre a cultura afro-brasileira. Mas a dificuldade para organizar uma aula campo para esse espaço educacional fora da escola tornou-se um obstáculo, naquele momento, intransponível para nós.

#### *Aula 2 – A cultura afro-brasileira*

O objetivo da *Aula 2* era apresentar na prática a cultura afro-brasileira. O caminho percorrido para que atingíssemos esse objetivo foi escutar e debater sobre o significado dos versos e das estrofes da música “Protesto Olodum”, interpretada pelo grupo musical afro-brasileiro Olodum. Tal música foi composta por um negro, o cantor e compositor Tatau, o ritmo da música é afro-brasileiro, o samba *reggae*. Essa música também foi difundida pelo grupo Olodum do pelourinho, que representa o movimento

negro brasileiro, e em sua letra apoia o movimento negro na África do Sul, que lutava pelo fim da *Apartheid* no final da década de 1980.

Explicamos as estrofes da música que abordam os problemas da prostituição e da degradação socioespacial da comunidade do Pelourinho, bairro histórico de Salvador, no final da década de 1980. A música denuncia também os desastres ambientais ocorridos devido a poluição na cidade de Cubatão – SP. Em outra estrofe há uma comparação dos problemas encontrados na Etiópia, país africano, com os encontrados no Nordeste. Por fim, a música ressalta Nelson Mandela e Desmond Tutu, que foram os líderes da luta contra o regime segregacionista da *Apartheid*, que ocorreu entre 1948 e 1994 na África do Sul.

O objetivo da aula foi atingido na medida em que conseguimos apresentar um elemento da cultura afro-brasileira, de forma mais concreta aos alunos. Porém, o procedimento metodológico utilizado não se mostrou totalmente eficaz. Pois, apesar de toda a turma ter parado para escutar a música, novamente somente cerca da metade da sala, a turma que fica do meio para frente, participou do debate sobre a música, argumentando ou questionando. A outra parte da sala, a turma que fica do meio para trás, pouco participaram ou não participaram. Tal justificativa pode ser dada a partir da variável que não houve uma consulta prévia sobre qual música eles queriam ouvir. A música foi imposta de forma vertical pelo professor estagiário. Nesse sentido poderia ser que os alunos não gostassem daquele ritmo musical.

Assim, recomendamos que a música deva ser selecionada pelos alunos, mesmo que o professor faça uma pré-seleção, mas, é importante a escolha dos alunos. Mantendo a mesma música, escolhida de forma vertical, em futuras ações, utilizaríamos a parte da Unidade 7 do livro didático que discorre sobre o *Apartheid*, o principal assunto discutido durante o debate da música. Utilizaríamos esse trecho do livro para lermos junto com os alunos em sala de aula, provocando a participação de todos. Também poderíamos propor uma atividade, uma redação sobre o assunto debatido. Por fim, essa terceira aula deveria ser deslocada para outro momento desse plano de ensino, no qual mostraremos em aulas posteriores.

### *Aula 3 – O continente africano: aspectos físicos*

O objetivo da *Aula 3* era apreender sobre os principais aspectos físicos do continente africano. O caminho percorrido para atingirmos esse objetivo foi uma aula

expositiva com o uso de alguns mapas temáticos apresentados da Unidade 7 do livro didático dos alunos, a saber: Figura 2 - África: hipsometria e hidrografia; Figura 4 – África: clima; Figura 5 – África: vegetação; Figura 6 – África: regionalização. Através desses mapas iríamos explicando os elementos do relevo, da hidrografia, do clima e da vegetação no continente africano.

Verificamos que alguns alunos tem um bom domínio na análise simples de mapa, pois alguns deles conseguiram identificar os elementos dos mapas (título, orientação, escala e principalmente legenda), compreender o significado dos signos presentes na forma do continente africano através da leitura das legendas, como também o inverso, ler as legendas e compreende-las na forma continental. Alguns alunos também conseguiram fazer a análise comparada dos mapas. Durante a exposição destacamos a semelhança: entre as latitudes dos dois lugares, entre a savana africana e o cerrado brasileiro; entre a floresta equatorial africana e a floresta equatorial brasileira (a Amazônia); entre o clima equatorial africano e o clima equatorial brasileiro; e entre o clima semiárido africano e o clima semiárido brasileiro. Sempre buscamos trazer as características físicas da África e apresentar os aspectos que são semelhantes a realidade brasileira, teoricamente mais próxima aos alunos.

O objetivo da aula foi atingido, pois, conseguimos fazer com que os alunos apreendessem os principais aspectos físicos da África, sem ser através de uma aula simplesmente dialogal, mas usando como mediador da exposição os mapas temáticos da África, presentes no livro didático. Tal aspecto mostra também um uso mais adequado do livro didático, enquanto recurso para o professor expor suas aulas. No entanto, tal metodologia não mostrou sua completa acurácia, na medida em que, novamente, somente um grupo de alunos participou, se envolvendo com a análise dos mapas, a outra parte da turma ficou dispersa, o que acarretaria dificuldades para esses alunos nas aulas seguintes. Tal fato nos trouxe a preocupação e a conclusão de que no Ensino Fundamental II há uma necessidade de fazermos várias atividades, de preferência que abarquem o maior número de alunos possíveis. Além disso, o professor tem um importante papel de incentivador dos alunos, buscar apreender suas dificuldades e os tipos de atividades que os chamam atenção ou provocam uma maior participação.

#### *Aula 4 - O continente africano: aspectos humanos*

O objetivo da *Aula 4* era apreender os principais aspectos humanos (históricos, econômicos e sociais) do continente africano. O caminho percorrido para chegarmos a tal fim foi a elaboração de uma atividade usando alguns mapas temáticos da Unidade 7 do livro didático dos alunos, a saber: Figura 14 – África: colonização; Figura 15 – África: independências; Figura 7 - África: densidade demográfica; Figura 25 – África: desnutrição infantil; Figura 26 – África: fome; Figura 9 – África: agropecuária; Figura 10 – África: recursos minerais; Figura 11 – África: regiões industriais; Figura 20 – África: exportações (2003); Figura 21: África: redes de transportes. Essa atividade tinha 10 questões, uma para cada mapa, e serviria para a apreensão prévia do conteúdo sobre os aspectos humanos da África por parte dos alunos, e ao mesmo tempo serviria como um treinamento, um reforço da análise de mapas que foi trabalhada na aula anterior.

Porém, devido a falta de recursos financeiros, não disponibilizamos uma cópia da atividade para cada aluno. Nesse sentido, tivemos que copiá-la no quadro branco. E devido a extensão da atividade, os alunos utilizaram praticamente todo o tempo de aula somente para copiar as questões do quadro nos seus respectivos cadernos. Por isso, o objetivo da aula não foi atingido. Da mesma forma o procedimento metodológico não pode ser avaliado por nós. Assim, passamos a atividade para ser respondida em casa, tarefa extra classe, na qual seria corrigida na aula seguinte para darmos continuidade a programação do plano de ensino.

#### *Aula 5 - O continente africano: aspectos humanos*

A *aula 5* tinha como objetivo apreender sobre os principais aspectos humanos (históricos, econômicos e sociais) do continente africano. O caminho percorrido para alcançarmos esse objetivo foi uma aula expositiva sobre os aspectos históricos, humanos e econômicos do continente africano, utilizando a correção da atividade proposta da aula anterior. Porém, somente 3 alunos tinham respondido ao exercício em casa. Portanto, resolvemos utilizar o tempo de aula para que os alunos pudessem responder a atividade. Tal fato acarretou a não execução do objetivo inicial e a não utilização do procedimento previsto.

Nesse contexto, modificamos o objetivo da aula que passou a ser o mesmo objetivo que tínhamos direcionado anteriormente a aula anterior, a *Aula 4*, ou seja, apreender os principais aspectos humanos (históricos, econômicos e sociais) do continente africano. O procedimento utilizado também passou a ser o da aula anterior,

pois utilizamos a atividade com os mapas temáticos da Unidade 7, sobre os aspectos históricos, econômicos e sociais da África como mediação para a apreensão dos alunos sobre o conteúdo dos aspectos humanos do continente africano.

O objetivo posteriormente traçado foi atingido na medida em que os alunos conseguiram aprender, mesmo que as vezes de forma incipiente, alguns aspectos humanos do continente africano. O novo procedimento utilizado foi adequado, pois a atividade proporcionou essa apreensão. Além disso, o nosso envolvimento, ajudando aos alunos da resolução das questões, assim como, o envolvimento dos alunos que tinham respondido o exercício em casa, ajudando os colegas em sala de aula, proporcionou uma maior interação entre todos, e a total participação da turma na resolução do exercício.

A mudança dos objetivos desta aula fez com que mudássemos também a programação do plano de ensino. No qual o objetivo e o procedimento que seria utilizado nesta aula, aula 5, foi transferida para a aula 6. Também teríamos que acrescentar uma aula de revisão, não prevista no planejamento, pois, estava próximo ao dia de prova dos alunos, e a atividade de revisão fazia parte da dinâmica da escola, o que foi também uma imposição para nós estagiários. Nesse contexto de mudanças, condensamos as aulas 6, 7 e 8, inicialmente planejadas, para apenas uma aula, a aula 7, como veremos posteriormente.

#### *Aula 6 - O continente africano: aspectos humanos*

A Aula 6 tinha como objetivo o mesmo que tinha sido inicialmente pensado para a aula anterior, a aula 5, isto é, objetivava apreender sobre os principais aspectos históricos, humanos e econômicos do continente africano. Esta seria a terceira aula com o mesmo objetivo, e era a finalização de uma sequencia que é prática tradicional nas escolas, a tríade exposição-atividade-correção, ou seja, a primeira aula para exposição do conteúdo, a segunda aula para a elaboração da atividade e a terceira aula para a correção da atividade. O procedimento utilizado foi a aula expositiva utilizando a correção da atividade.

Começamos a exposição dialogando sobre os aspectos históricos da África, o continente que foi o provável berço da humanidade, o continente que abrigou a civilização do Egito Antigo (dos faraós e das pirâmides), o continente que forneceu os negros que serviram de mão de obra escrava no processo de colonização das américas. Continuamos a exposição demonstrando a colonização da África e a partilha do

continente com a Conferência de Berlim em 1896, no qual tribos rivais, que já habitavam previamente a África, ficaram agregadas em um mesmo país, enquanto tribos aliadas ficaram separadas, em países diferentes, o que originou muitos dos conflitos territoriais recentes. Por fim finalizamos a parte histórica com a exposição da independência dos países africanos após o fim da Segunda Guerra Mundial, e o aumento dos diversos conflitos territoriais, as guerras civis pelo poder desses países.

Posteriormente, destacamos os aspectos sociais do continente africano, a saber: a desnutrição infantil, a fome, a seca, a proliferação do HIV e consequentemente da AIDS, a pobreza gritante, além dos conflitos territoriais, em sua maioria de aparência étnica e religiosa, mas fundamentalmente esses conflitos são pelo poder. Em seguida mostramos os primeiros contrastes da África, que inversamente a esses problemas, há a produção de riquezas como a agricultura para a exportação, a mineração de diamante, ouro e cobre; a industrialização de alguns países como a África do Sul, o Egito, e a Nigéria, mostrando que a esse continente não é formado somente pela fome e a savana como é mostrado pela mídia no cotidiano, mas há uma produção de riquezas também, mesmo que a maior parte dessa riqueza seja explorada e exportada pelos países europeus. Por fim, destacamos as semelhanças entre a África e o Brasil como o processo de colonização pelos países europeus, a independência, a dependência econômica e o subdesenvolvimento, a fome, a seca, a pobreza, e a exportação de riquezas da agricultura e da mineração.

Portanto, o objetivo da aula foi atingido na medida em que conseguimos proporcionar a apreensão dos elementos humanos da África a partir da correção do exercício proposto na aula anterior. Porém tal procedimento não foi totalmente eficaz, pois, novamente, só uma parte dos alunos prestou atenção na exposição, participaram, questionaram, contra argumentaram. Os demais alunos ora participavam ora ficavam dispersos. Mais uma vez ficou evidente a necessidade de mais atividades, a necessidade de tornar o aluno protagonista da aula e menos exposição de conteúdos.

#### *Aula 7 – A África e seus contrastes*

A *Aula 7* objetivava compreender os contrastes da África. Para tal fim, foi utilizado como procedimento metodológico a projeção de partes dos vídeos “Fome na África” veiculado pela “Rede Record” de televisão, no programa “Grande Reportagem” e “Moçambique: uma África que fala português” veiculado pela “Rede Globo” de

televisão, no programa “Globo Repórter”. O primeiro vídeo foca a fome, a seca, a guerra civil e os campos de refugiados dessa região africana, um cotidiano de pessoas tristes e desesperadas na região do Chifre da África. O segundo vídeo, apesar de falar um pouco da pobreza do continente, em especial de Moçambique, foca as características naturais, as paisagens, e as características humanas, a cultura afro-moçambicana, as grandes cidades, o cotidiano de pessoas sorridentes e felizes.

Esta aula foi uma condensação das aulas 6, 7 e 8 após o rearranjo do plano de ensino. Assim, estava planejada um vídeo para cada aula (6 e 7) e uma terceira aula (8) para os debates acerca dos contrastes da África. Porém, com as modificações na programação do plano, e considerando também a dispersão durante a exposição nas aulas, resolvemos utilizar apenas 15 minutos de cada vídeo, finalizando a aula com o debate dos contrastes do continente africano.

Durante a exibição do primeiro vídeo houve um silêncio total em sala de aula. Era a primeira vez que todos ficaram em silêncio. Notamos, assim, a importância do vídeo, da imagem associada ao áudio para a participação deles. Após a exibição do primeiro vídeo dialogamos com os alunos sobre a projeção de imagens, as características mostradas do continente africano, em especial a região do Chifre da África – formada pela Etiópia, Somália, Quênia, Eritreia e Djibuti – e as semelhanças dessa região com aspectos físicos e humanos do Brasil.

A partir do segundo vídeo, os alunos começaram a ficar desconcentrados. O dia estava quente, o sol refletia na parede da sala pelo lado de fora, as janelas e a porta da sala estavam fechadas para promover uma melhor projeção do vídeo, daí a circulação de ar na sala não foi permitida, da mesma forma não havia ventiladores, o calor ficou forte na sala. Tal ambiente deixou os alunos mais desconcentrados, agitados, conversando uns com os outros, reclamando do calor também. Após a exibição do segundo vídeo, poucos participaram do diálogo sobre os contrastes da África, pois, explicitamos que o vídeo mostrava justamente as belezas naturais de Moçambique, bem como a alegria da população que vive naquele país, e ainda comparamos com alguns aspectos físicos e humanos do Brasil.

O objetivo da aula foi atingido, pois houve uma compreensão dos contrastes da África através da exibição dos vídeos. No entanto, a metodologia não foi a mais eficaz, pois, as condições do ambiente da sala não condicionaram a um bom desenvolvimento da atividade. Também analisamos que o segundo vídeo não foi muito interessante para os alunos. Tal fato nos sugere que em outra oportunidade de execução



desse plano de ensino nós exibiríamos como segundo vídeo “África Selvagem” também exibido no programa “Globo Repórter” da “Rede Globo” de televisão.

#### *Aula 8 – O continente africano: uma revisão*

O calendário da escola exigia que fizéssemos uma revisão dos conteúdos com os alunos, pois a prova seria realizada na semana seguinte. Nessa perspectiva, o objetivo da *Aula 8* foi promover uma revisão do conteúdo o continente africano. Para tal fizemos uma gincana de perguntas e respostas, estilo “passa ou repassa”, de meninos contra meninas, nos quais os alunos deveriam responder às questões relativas aos conteúdos existentes na Unidade 7 do livro didático, a unidade sobre África. Assim fizemos perguntas que abordavam os aspectos físicos (relevo, hidrografia, clima e vegetação), como também perguntas que abarcavam os aspectos humanos (históricos, sociais e econômicos). O objetivo da atividade foi atingido, pois, conseguimos realizar essa revisão. O procedimento realizado também foi efetivo na medida em que todos os alunos se envolveram, todos buscaram participar. Assim, o placar final foi um empate entre os meninos e as meninas.

#### **Avaliação do plano de ensino**

Os procedimentos que podem ser utilizados para a avaliação dos conteúdos são a exposição dos alunos, o questionário individual respondido pelos alunos, uma redação individual escrita pelos alunos, grupo de verbalização e grupo de observação (GVGO), grupos com roteiro de estudo, discussão circular, atividades de simulação (jogos ou júri simulado, dramatização) e trabalho com a elaboração de mapas, cartas, gráficos e tabelas como formas de avaliar o desenvolvimento dos alunos (CAVALCANTI, 2012). De todas as propostas elencadas escolhemos a aplicação de um questionário individual aos alunos para que eles respondessem novamente a questão que colocamos na primeira aula, na tempestade mental, para saber qual a representação social que os alunos tinham do conceito de África após as aulas.

*Avaliação – o conceito de África*

O objetivo da *avaliação* era verificar em que medida os alunos modificaram a representação social do conceito de África, ver se eles conseguiram compreender que a África é um continente de contrastes, com diferentes aspectos naturais, populacionais, econômicos, políticos e culturais, e que parte da nossa cultura é herança da cultura desse continente, formando a cultura afro-brasileira e seus elementos religiosos, artísticos, culinários e musicais. O procedimento metodológico utilizado para tal fim foi a aplicação de um questionário que continham as seguintes perguntas: “o que é a África?”, “o que tem de África no Brasil?”. O questionário também tinha uma avaliação sobre os pontos positivos e os pontos negativos do estagiário, no qual detalharemos nas considerações finais desse artigo.

Consideramos que o objetivo geral do plano de ensino, no conjunto das aulas, foi atingido. Pois, ao ler as respostas dos alunos sobre o que é a África e o que tem de África no Brasil, que constava na avaliação, houve uma resignificação desse conceito, ou pelo menos eles souberam explicar melhor e com mais clareza em relação à atividade de tempestade mental que fizemos na introdução desse plano de ensino. A melhor resposta, com colchetes nosso, sobre a primeira pergunta, “o que é a África?”, foi: A África “é um continente que foi repartido por vários países europeus [ele está falando do processo de colonização], é rico em alguns minérios [o aluno refere-se ao ouro, diamante, petróleo, entre outros encontrados no continente], mas pobre em cidadania.”. O que nos chamou mais atenção foi o “pobre em cidadania”, isso mostra que conseguimos fazer um trabalho mais politizador, que evidenciou a falta de acesso às necessidades vitais básicas como educação, saúde, moradia, transporte. Outros alunos também mostraram a capacidade de ver os contrastes do continente, a biodiversidade e multiculturalidade, além da exploração e opressão.

Sobre a segunda pergunta, “o que tem de África no Brasil?”, os alunos identificaram as semelhanças entre os climas e a vegetação do continente africano e do Brasil, como, por exemplo, na seguinte resposta, com tachado e colchetes nosso: “o que tem na África [e] também tem no Brasil [...] ~~tem~~ [Pode-se exemplificar com] a seca do Nordeste e os climas equatoriais e as paisagens.”. Alguns alunos também comentaram sobre os aspectos culturais, com destaque para a capoeira, como um elemento da cultura afro-brasileira.

Consideramos, assim, que atingimos o objetivo geral desse plano de ensino, pelo menos com alguns alunos. Pois, outros alunos não conseguiram formar um. Neste caso, esses alunos que não conseguiram a mudança evidente na representação social da África, nem uma formulação do conceito de África, continuaram a reproduzir palavras soltas, sem nenhuma ou com pouca conexão, variando entre a primeira e a segunda fase da formação de conceitos, ou seja, entre palavras soltas ou um pseudoconceito, por exemplo, na seguinte resposta, com colchetes nosso: a África é “um continente de contrastes, [e o que tem de África no Brasil é] samba, comida, músicas, etc”. Talvez isso também se deva a dificuldade que os alunos têm de escrever, podendo ser uma consequência da falta de prática da leitura e da escrita na escola.

Salientamos também que não é só os alunos que aprendem algo no processo de ensino, pois todos que ensinam também aprendem. Nessa perspectiva, ressaltamos que aprendemos durante o planejamento, a execução e a avaliação desse plano de ensino, na medida em que ao longo do plano, fomos nos adaptando às adversidades, modificando as sequências das aulas, os objetivos, os instrumentos que deveriam ser utilizados. Assim, compreendemos que o planejamento das aulas deve ser flexível, este deve ser modificado conforme a necessidade.

### **Considerações finais**

Essas considerações finais estão divididas em duas partes. Primeiro demonstraremos como fomos avaliados pelos alunos, que escreveram os pontos positivos e negativos do professor estagiário, no dia da avaliação do plano de ensino. Segundo, faremos uma breve reflexão sobre a importância do estágio supervisionado em nossa formação como docente.

Entre os comentários dos alunos sobre os pontos positivos, os que nos chamaram mais atenção foram: “O professor estagiário, trás coisas novas, tem um explicação diferente, muda a forma da aula.”; “[...] não teve só os alunos como alunos e sim como amigos [...]”. Notamos que conseguimos levar algo diferente, que não estava no cotidiano deles. Mas, é preocupante saber que eles eram tratados por nós como amigos e não como alunos, pois, não é adequado a relação professor-aluno tornar-se em uma relação de amigos. Talvez isso seja um alerta para que nas próximas experiências profissionais tenhamos mais cuidado em observar o limite de ser professor e ser amigo.

Uma aluna destacou, em relação ao professor estagiário, que: “Ele é super legal, explica muito bem, gosta de ouvir as opiniões dos alunos sobre o conteúdo (tem paciência). É um ótimo professor, sabe dividir as coisas, tipo: tem a hora dele dar a sua aula tem a hora de conversar com os alunos”. Foi a resposta mais bem elaborada e completa que encontramos. Mas, o que mais nos chamou atenção foi o “tem paciência”. Esse ponto da paciência está intimamente associado ao principal ponto negativo destacado por um aluno: “Tipo ele como professor ele tinha autoridade sobre a sala. E em alguns momentos alguns alunos por serem desobediente não querem ‘prestá’ muita atenção na aula. E o dever dele era colocar o aluno para fora e ele não fez isso o que ele fez foi ‘insentivar’ o aluno a estudar”. Como podemos observar, a suposta paciência fez com que talvez não tivéssemos um controle sobre a sala; não tivéssemos autoridade ou domínio sobre eles. Ressaltamos que encontramos dificuldades em alguns momentos visto que os alunos eram muito agitados devido à idade, também a sala era quente e os deixava mais agitados, como também, evitamos entrar em conflito com algum aluno, pois, estávamos somente de passagem, foi um momento muito rápido com eles, não valeria a pena entrarmos em conflito ou darmos uma bronca, ou sermos mais severos disciplinarmente.

Pires (2011) elenca um conjunto de problemas que podem ser encontrados durante a realização do estágio supervisionado, especificamente na disciplina de Geografia, a partir do relato de estagiários: 1) a simplificação, pois o estágio se limita à observação, participação e regência; 2) as angústias e as insatisfações superam os sucessos no estágio; 3) o caráter burocrático do estágio, não favorecendo a preparação do aluno estagiário para assumir a sala de aula; 4) a distância entre a teoria vista na graduação e a realidade das escolas; 5) o caráter de treinamento para dar aulas, evidenciado no estágio; 6) a forma como é realizado o estágio não contribui para a formação do professor; e, por fim, 7) a falta de receptividade que os estagiários encontram nas escolas e dos professores das escolas-campo.

Ao contrário dos problemas elencados pela autora, o estágio supervisionado não foi simplificado, o sucesso superou a insatisfação, o estágio não foi burocrático, conseguimos ver a teoria na prática e a prática na teoria, o estágio não foi apenas um treinamento, o estágio contribuiu para a nossa formação, e houve uma ótima receptividade da escola e dos professores.

O estágio não foi simplificado, pois conseguimos observar a escola e as aulas, planejar as atividades com o professor tutor da escola-campo, avaliar o

desempenho dos alunos, como também deixamos que eles nos avaliassem. O objetivo planejado para as aulas, como a mudança da significação do conceito de África nos alunos foi atingido, mesmo que muitas aulas não tivessem ocorrido como planejado, ou seja, foi um sucesso. As burocracias do estágio foram deixadas em segundo plano, fazendo com que houvesse uma maior fluidez no desenvolvimento das atividades, prevaleceu a informalidade. Conseguimos trabalhar as teorias, vistas na universidade, em sala de aula. Assim como, conseguimos retomar essa prática para a teoria. No geral, conseguimos trabalhar na perspectiva do *socioconstrutivismo*, mesmo que imperfeitamente. O estágio foi mais que treinamento ou simulação da realidade, o professor tutor nos deixou à vontade em nossa regência, o que nos aproximou mais da realidade do cotidiano escolar. Tal fato contribuiu muito para a nossa formação, visto que foi nossa primeira experiência na sala de aula de uma escola. Tudo isso mostra a receptividade positiva que tivemos na escola, no qual fizemos amizades com diretores, professores de outras disciplinas, e outros funcionários; como também uma receptividade do professor tutor.

## Referências Bibliográficas

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012.

PIRES, Lucineide Mendes. O estágio supervisionado na formação inicial do professor de Geografia: entre a legislação e a realidade. In: **Anais** do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia – XI ENPEG, Goiânia, 2011.

VYGOTSKY, Lev Seminovitch. **Formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Seminovitch. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1987.

### *Livro didático*

DANELLI, Sonia Cunha de Souza. **Projeto Araribá – Geografia – 9º ano**. São Paulo: Moderna, 2007.

### *Música*

OLODUM. **Protesto Olodum**. 1988.

*Vídeos*

GLOBO. **Globo Repórter**. África Selvagem. 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Rb1LwsEp6zY>

GLOBO. **Globo Repórter**. Moçambique: uma África que fala português. 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jdTTMadLOYs>

RECORD. **A Grande Reportagem**. Fome na África. 2011. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=SXHL84Cc\\_dA](http://www.youtube.com/watch?v=SXHL84Cc_dA)

Recebido em 23 de janeiro de 2014.

Aprovado para publicação em 28 de março de 2015.